



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

AGROECOLOGIA: PROPOSTA À CHÁCARA BOCAIÚVA

Talita da Costa Papas
Faculdade Maria Milza - FAMAM
talita.papas@hotmail.com

Elisa Luzia Costa de Santana Nascimento
Faculdade Maria Milza - FAMAM
luzir2007@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente artigo refere-se a uma introdução à agroecologia, cujo objeto de estudo foca na produção da Chácara Bocaiúva e no escoamento dos seus produtos. Este estudo pretende descrever a visita à Fazenda Bocaiúva, realizada no dia 16 de setembro de 2016, além de contribuir para a análise da agricultura convencional e a agroecologia. A agroecologia é aqui entendida como um processo de caráter científico e multidisciplinar, capaz de estimular novos estilos de agricultura e processos de desenvolvimento rural sustentável que preservem o meio ambiente, respeitando aos princípios éticos de solidariedade entre gerações atuais e futuras.

Ao estimular o cultivo de orgânicos, através da agroecologia, este artigo possui vínculo com a Economia de Base Comunitária ou Solidária e o Desenvolvimento Sustentável, sendo esse um tópico do referencial teórico. Isso se refere à relevância científica, já a relevância social insere-se no fornecimento de maiores subsídios à Chácara Bocaiúva, visando ao aumento da produção, através da ampliação da irrigação no local ainda não utilizado da chácara, além da expansão da produção para alcançar a população que ainda não é consumidora, mas mora próximo à chácara.

Além disso, a tecnologia a serviço do capital está voltada à produção da mais valia. Quanto maior a quantidade de recursos naturais explorados e de matéria-prima transformada, maior a capacidade de extração de sobretrabalho. Nesse contexto, a crise ecológica emerge para se repensar como é a relação da sociedade contemporânea com a natureza, o modo de produção de consumo, os meios de produção, o modo de vida, as técnicas aplicadas, a



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

tecnologia utilizada e a ciência a seu serviço e, nisso, se insere a importância de artigos como este.

A relação com o tema do evento insere-se através da economia de base comunitária ou solidária. Essa é definida como “um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando e fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem” (ECONOMIA SOLIDÁRIA DE BRASÍLIA, 2016, p.1).

2 O TRABALHO E A RELAÇÃO HISTÓRICA HOMEM NATUREZA

Alguns podem achar a natureza violenta, com seus terremotos, maremotos e tornados, porém isso tudo é, na verdade, uma reação violenta da natureza à ação do homem. Tais destruições comprometem a sobrevivência da Terra e a dos seres humanos. De fato, a relação do homem com a natureza tem sido de exploração econômica e isso vinha significando degradação do meio ambiente aliado ao crescimento econômico.

A destruição do ar que se respira, da água que se bebe, do solo do qual provém os alimentos, dos rios, das florestas, dos habitats dos animais ameaça a sobrevivência dos humanos e do planeta. O homem ainda não se deu conta de que sua existência está relacionada à natureza e à vida nesse planeta. A humanidade precisa aprender a consumir e a interagir com o meio ambiente, buscando ser um ser participante do ciclo natural e não o dominante. É preciso aprender a celebrar a Terra, para, assim, poder curá-la. O conhecimento adquirido pelo homem deve estar voltado para proteger o planeta, cuidar dos resíduos gerados e proteger, de alguma maneira, a transformação natural e não para destruir a vida (BERRY, 1991).

A abundância de recursos naturais no passado não se reflete atualmente. Nas três últimas décadas, esses recursos começaram a diminuir e a biodiversidade se degradar. Como exemplo disso se tem: a poluição do ar, da água e do solo; a fauna e a flora em extinção; a dificuldade maior de encontrar e extrair minerais (LUSTOSA, 2016).

Atualmente, enfrenta-se um grande paradoxo, pois há pessoas que lutam por um mundo melhor de um lado e, de outro lado, a maioria ainda busca o crescimento econômico desenfreado, aliado ao grande consumo, principalmente de recursos naturais, o que implica degradação ambiental. Convém ressaltar que os recursos naturais não são infinitos e somente alguns são renováveis (BERRY, 1991).



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Desde a época do desenvolvimento industrial na Europa, os problemas ambientais vêm se agravando e isso piorou quando ele se expandiu para a América do Norte. Houve grande crescimento populacional e a necessidade de viver em um mundo industrial e tecnológico. A grande questão atual é viver em equilíbrio com o planeta, procurando resolver as relações entre homem e natureza (BERRY, 1991), relações essas de exploração econômica, as quais produzem degradação ambiental.

A interação do homem com a natureza propicia os sentidos básicos do homem como o instinto, a emoção e a espiritualidade. Os processos industriais, ao poluírem o ar, a água, o solo e destruírem florestas, transformam o meio ambiente. As pessoas acabam perdendo o contato com a natureza e não se sentem parte dela (BERRY, 1991). Isso contribui para a degradação ambiental.

Na Antiguidade, o ritmo de trabalho do homem e da vida associava-se à natureza. No modo de produção capitalista, a natureza passa a integrar o conjunto dos meios de produção e não é mais vista como um meio de subsistência do homem. O trabalho torna-se mediador universal na relação do homem com a natureza, processo esse no qual o homem regula o controle por meio da ação, havendo o intercâmbio de materiais com a natureza.

A separação homem x natureza constituiu-se de forma histórica e não natural (OLIVEIRA, 2011). Quando o homem era nômade, a relação homem natureza era umbilical (NAVES; BERNARDES, 2014), ou seja, ambos eram um só. Ele adquiria a subsistência através da natureza e só futuramente passou a plantar, ao invés de somente consumir o que a natureza lhe fornecia. Não havendo luz elétrica, o homem acordava e se recolhia com o nascer e o pôr do sol. A natureza era sagrada, deveria ser reverenciada e havia os mitos e suas explicações místicas para o funcionamento do mundo e da natureza.

Somente na pólis grega, começou o distanciamento da figura humana em relação à natureza e houve o rompimento com o pensamento místico. Nesse período, a realidade começou a ser explicada de maneira mais categórica e racional. Já com a metafísica, houve a superação dos mitos e da figura dos deuses e o início do antropocentrismo. A natureza já era vista operando por leis, princípios universais, através da razão. (NAVES; BERNARDES, 2014).

Com o fim do Império Romano e início da Idade Média, houve o rompimento da lógica racional metafísica. A visão teocêntrica e monoteísta substituiu as várias divindades que representam forças da natureza. Houve o surgimento do Cristianismo e da Teologia, contudo



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

nessa época, havia um impedimento moral e teológico para o avanço da racionalidade instrumental e objetificadora. (NAVES; BERNARDES, 2014).

Ainda nessa época, ocorreu o rompimento definitivo da relação umbilical homem natureza (NAVES; BERNARDES, 2014) e outras separações como espírito/matéria, sujeito/objeto, corpo/alma (OLIVEIRA, 2011; NAVES; BERNARDES, 2014).

A ciência experimental abre caminhos para a filosofia racional de René Descartes. A ideia de separação homem natureza continua a ganhar força (NAVES; BERNARDES, 2014). Há o início de uma ciência quantitativa descritiva que busca desvendar os processos da natureza para utilização humana.

A filosofia racional instituiu a dúvida das certezas dogmáticas, havendo a necessidade de se comprovar empiricamente toda evidência com o método fundamental para a construção do conhecimento humano. Tal método, o cartesiano, constituía-se em: (1) verificar a existência do fenômeno; (2) decompô-lo em partes menores; (3) recompô-lo; (4) tirar conclusões a respeito dele (NAVES; BERNARDES, 2014). Com a revolução científica é afastada a visão antropocêntrica teológica.

René Descartes dá origem a uma concepção científica da apreensão da realidade (NAVES; BERNARDES, 2014). A natureza é vista como um recurso. O dualismo homem/natureza; espírito/matéria; e sujeito/objeto os quais se completam (OLIVEIRA, 2011).

No início do século XX, ocorre o reconhecimento de que convivência social dos homens e dos animais inviabiliza o estudo de um único ser em laboratório como algo de relevância científica (OLIVEIRA, 2011). Não há sentido se pensar a partir do indivíduo, pois a sociedade humana é mais que a mera soma dos indivíduos.

Já, com a Revolução Industrial, há o marco histórico da epistemologia ambiental. Burguesia e cidades ganham força frente ao feudalismo e ao absolutismo. O progresso da humanidade relaciona-se à dominação e à emancipação do homem perante o meio. (NAVES; BERNARDES, 2014).

A sociedade contemporânea representa um conjunto de mediações e relações fundamentadas no trabalho. O capitalismo necessita da produção de mercadorias como meio de produção da mais valia. O trabalho é um processo de produção/reprodução de mercadorias.

A relação homem/meio apresenta-se como uma contradição ao capital-trabalho, pois o homem relaciona-se com a natureza para transformá-la em produto (OLIVEIRA, 2011). No caso da Chácara Bocaiúva, os produtos orgânicos são vendidos no município de Feira de Santana, podendo ainda se estender para a Região do Recôncavo, se a produção fosse



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

aumentada, com a rotação das culturas e irrigação de área ainda não utilizada da chácara para plantação, como será retomado em um tópico posterior neste trabalho.

No capitalismo, o acesso aos recursos naturais passa por relações mercantis, sendo que a apropriação pelo capital implica a eliminação de sua gratuidade natural. A incorporação da natureza e do próprio homem ao circuito produtivo é a base para que o capital expanda.

Na acumulação de capital, o trabalhador transforma sua força de trabalho em mercadoria em troca do recebimento de seu trabalho. O capital separa homem/natureza e impõe-lhe o ritmo do capital e não mais da natureza (OLIVEIRA, 2011). Ele é movido a partir da exploração do trabalho do homem. A Chácara Bocaiúva, ao possuir proletários, move-se a partir do trabalho destes, os quais se demonstram satisfeitos, quando questionados.

O processo social de produção usa a força de trabalho e os meios de produção na utilização dos recursos naturais, no desperdício de matérias-primas, de energia e de trabalho, provocando destruição da natureza e crise ecológica (OLIVEIRA, 2011). A perda da identidade orgânica do homem com a natureza dá-se a partir do capital e isso contribui para a degradação ambiental, todavia isso não foi observado nessa chácara, possivelmente, por ainda manter essa identidade, além de que não foi observado o desperdício de matérias-primas, de energia e de trabalho, não sendo a mais valia e a exploração econômica da natureza e de seus trabalhadores essenciais à localidade.

A separação das condições objetivas de produção pressupõe a perda do domínio sobre as técnicas agrícolas e compreensão dos processos naturais por parte do proletariado, distanciando-o, assim, da natureza. (OLIVEIRA, 2011). Isso, igualmente, não foi observado na chácara.

A tecnologia está a serviço do capital e voltada à produção da mais valia. Quanto maior a quantidade de recursos naturais explorados, de matéria-prima transformada, maior a capacidade de extração de sobretrabalho. A crise ecológica é inserida para se repensar como se estrutura e funciona a sociedade contemporânea: modo como é gerida a natureza, modo de produção de consumo, meios de produção, modo de vida, técnicas aplicadas, tecnologia utilizada e ciência a seu serviço e, nisso, se insere a importância de artigos como este. (IBID, 2011).



2.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O “Desenvolvimento Sustentável” é o modelo utilizado atualmente, o qual se preocupa com a degradação do meio ambiente. Ele superou o modelo chamado “Crescimento Zero” e isso envolveu a necessidade de crescimento econômico aliado a duas outras metas principais: a equidade social e o equilíbrio ecológico. O desenvolvimento deve permitir a manutenção da qualidade de vida em um eixo temporal longo. As gerações presentes não devem comprometer as futuras. Além disso, nesse modelo, deverá haver manutenção do estoque de capital, incluindo os recursos naturais e as novas tecnologias que precisam ser criadas, bem como as novas formas de gestão, a fim de incentivar padrões de consumo mais saudáveis ao meio ambiente (LUSTOSA, 2016). Um exemplo disso na Chácara Bocaiúva é a sua própria plantação de orgânicos, bem como a aquisição do selo.

O desenvolvimento sustentável propicia, também, a produção de novas tecnologias para tornar a produção mais eficiente do ponto de vista econômico e ambiental. Outros aspectos da mudança envolvem: (a) reestruturação do espaço competitivo de mercado em função das transformações do setor produtivo; (b) sustentabilidade do negócio; (c) participação governamental; (d) participação das instituições envolvidas (VIEIRA, 2016).

2.2 A AGROECOLOGIA

A agroecologia proporciona bases científicas e metodológicas à agricultura sustentável e tem como eixo central a necessidade de produção de alimentos de elevada qualidade biológica e quantidades adequadas para a coletividade (CAPORAL; COSTABEBER, 2007). O aumento da produção na Chácara Bocaiúva, como dito em tópico anterior, facilitará esse escoamento para uma coletividade.

A agroecologia, uma ciência fundamentada em diversas disciplinas, avança para análise por possuir uma base epistemológica que reconhece a relação estrutural de interdependência entre o sistema ecológico, a cultura dos homens em evolução com o meio ambiente e o sistema social.

Agroecologia é aqui entendida como uma ciência técnico-científica, sistêmica, interdisciplinar baseada em princípios éticos, comprometida com os direitos dos cidadãos, inclusive trabalhistas e com a preservação ambiental, cujo objetivo é a construção de estilos



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

de agriculturas sustentáveis de base ecológica, obtendo, com isso, produtos biologicamente de qualidade.

[...] quando se fala em Agroecologia está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônomos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade. (CAPORAL; COSTABEBER, 2007, p. 13).

A atual forma de agricultura convencional torna-se, atualmente, dependente de recursos limitados e, por isso, insustentável no tempo, além de ser um modelo responsável por danos ambientais e crescentes diferenças socioeconômicas no meio rural. Assim, a tendência e a mudança de paradigma nas quais aparece, com destaque, a necessidade de novos estilos de agricultura e de desenvolvimento rural que enseje a sustentabilidade ecológica, a equidade social se torna relevante.

Atualmente, surgem correntes de desenvolvimento rural sustentável, principalmente aquelas alinhadas com a perspectiva ecossocial e com o processo de transformação da agricultura, que estimulam uma transição agroambiental materializada por novos estilos de agricultura ecológica ou orgânica e de novos enfoques de desenvolvimento local ou regional que consideram os distintos agroecossistemas.

A corrente agroecológica sugere a massificação dos processos de manejo e o desenho de ecossistemas sustentáveis de forma sistêmica e multidimensional; outras correntes baseiam-se na busca de mercados de nicho, a fim de substituir insumos químicos de síntese por insumos orgânicos e ecológicos. Assim, percebe-se diferença de enfoque entre as correntes, através dos aspectos abaixo:

a) A corrente agroecológica defende a agricultura de base ecológica que visa à justiça social e à proteção ambiental, independente do nicho de mercado e do rótulo social, enquanto outras sugerem uma “agricultura ecologizada orientada”, primeiro, pelo mercado e pela expectativa de prêmio econômico em um período histórico, mesmo sem garantir sua sustentabilidade e, teoricamente, uma agricultura ecologizada mundialmente não teria espaço para um diferencial de preços pela característica orgânica e ecológica.

b) A corrente ecológica defende a construção de processos de desenvolvimento rural e agriculturas sustentáveis que considerem o equilíbrio entre as seis dimensões da sustentabilidade. As outras correntes minimizam compromissos éticos e socioambientais, pois elas visam ganhos econômicos individuais. Por ser ecologizada e desprovida de compromissos éticos, pode-se supor a existência de uma monocultura orgânica de larga escala



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

com base na mão de obra assalariada, com baixa remuneração e movida a chicote, a qual pode atender a alguns anseios e caprichos de consumidores informados sobre os benefícios do consumo de produtos agrícolas orgânicos, mas não estão informados sobre as condições sociais em que os produtos orgânicos vêm sendo produzidos. Contudo nenhum produto será ecológico se sua produção realizar-se através da exploração da mão de obra ou o não uso de alguns insumos for compensado por formas de degradação dos recursos naturais, de subordinação dos agricultores aos setores agroindustriais ou de esgotamento do solo.

Atualmente, existe o perigo da crescente diferença entre os agricultores que têm acesso a serviços de assistência técnica, extensão rural, crédito e tecnologias de base ecológica; há os que não dispõem de apoio para se organizarem em grupos e conquistarem o nicho de mercados com boa remuneração para os produtos limpos.

Nesse contexto, o avanço do enfoque agroecológico baseado em agriculturas e desenvolvimento rural sustentáveis enfrenta desafios complexos; sua superação depende de fatores como: (a) diálogo e aprendizagem coletiva entre diferentes setores da sociedade; e (b) o reconhecimento de que a sustentabilidade depende de elementos práticos do dia a dia e não apenas da teoria e perspectivas futuristas.

Há falta de informação sobre os impactos negativos causados pela agricultura química, impossibilitando o debate e a tomada de consciência da sociedade, a fim de apoiar os processos de desenvolvimento rural e as formas de agriculturas sustentáveis. A socialização de saberes agroecológicos entre agricultores e demais categorias profissionais é um tarefa primordial, necessitando da participação ativa do Estado. Com isso, aos cidadãos cabem o direito e o dever de trabalhar para ampliação da construção de saberes socioambientais para construção de um novo paradigma de desenvolvimento rural o qual considere as seis dimensões da sustentabilidade (ecológica, social, cultural, política, econômica e ética).

2.3 AGROECOLOGIA DE ENFOQUE SUSTENTÁVEL

A agroecologia estuda a atividade agrária num enfoque sistêmico, a partir do qual adota o agrossistema, proporcionando bases científicas para apoiar a mudança do modelo tradicional de agricultura para agriculturas sustentáveis, pois além de ser uma disciplina multidisciplinar, é um campo de conhecimento com várias reflexões técnico-científicas vindo de várias disciplinas que constituem seu *corpus* teórico com novos saberes socioambientais.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Segundo Gliesseman (2000), há três níveis fundamentais no processo de mudança para agroecossistemas sustentáveis: (a) incremento da eficiência das práticas convencionais, visando reduzir o uso de insumos caros, escassos e prejudiciais ao meio ambiente, e investigação agrícola tradicional gerando práticas e tecnologias que reduzem os prejuízos da agricultura convencional; (b) substituição de insumos e práticas antigas intensivas em capital degradadores e contaminantes do meio ambiente por práticas alternativas benignas; e (c) redesenho dos ecossistemas para seu funcionamento, baseado em novos conjuntos de processos ecológicos.

Para se respeitar os princípios dos orgânicos, é preciso atender aos requisitos sociais, considerar os aspectos culturais, preservar os recursos ambientais, permitir resultados econômicos favoráveis à sociedade, numa perspectiva de longo prazo (agricultura sustentável), considerar a participação política e os empoderamentos dos atores.

[...] por se tratar de um processo social, isto é, por depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada ecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. (CAPORAL; COSTABEBER, 2007, p. 12).

Sobre a visão agroecológica, a agricultura sustentável é capaz de atender integralmente a alguns critérios como: baixa dependência de insumos comerciais; uso de recursos renováveis e localmente acessíveis; utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; aceitação e tolerância das condições locais; manutenção futura da capacidade produtiva; preservação da diversidade biológica e cultural; uso do conhecimento e da cultura da população local e da produção de mercadorias para o consumo interno e externo.

3 A CHÁCARA BOCAIÚVA: UMA PROPOSTA

A Chácara Bocaiúva está localizada no distrito de Humildes, em Feira de Santana. Conta com uma área aproximada de 23,5 hectares. Segundo o próprio site,

trata-se de uma propriedade certificada para a produção e comercialização hortifrutícola orgânica. Na Chácara Bocaiúva são produzidos legumes, frutas, verduras, ovos e frango caipira comercializados sob a logomarca Bocaiúva Orgânicos. A cultura e comercialização dos produtos orgânicos no Brasil foram aprovadas pela Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003. (BOCAIÚVA ORGÂNICOS, 2016, p.1).



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Já a Bocaiúva Orgânicos:

Tem como meta estimular o consumo do produto orgânico e, assim, oferecer ao consumidor feirense alimentos de boa procedência, obedecendo às normas da agricultura orgânica. Os vegetais produzidos na Chácara Bocaiúva são cultivados em solo rico, com adubação natural, livre de insumos artificiais. Tais cuidados possibilitam que os alimentos tenham uma textura melhor e um gosto mais acentuado que os produtos convencionais. (BOCAIÚVA ORGÂNICOS, 2016).

Em visita realizada à Chácara Bocaiúva, foram observadas: a irrigação da lavoura, as plantações, as árvores, as flores, as galinhas e a produção de ovos. No solo não tem ocorrido a rotação das culturas, o que seria desejável, por não haver irrigação em uma parte da chácara e, por isso, esta não tem sido utilizada. Além disso, a chácara só entrega seus produtos em Feira de Santana, devido ao fato de estes serem perecíveis e alguns consumidores requisitarem a troca deles, o que acarreta em prejuízo. Ademais, alguns produtos estragam durante o transporte, pois o caminhão transportador não conta com refrigeração adequada.

Ainda durante a visita à Chácara Bocaiúva, percebeu-se que é uma proposta de trabalho que segue a linha da agroecologia, pois desenvolve uma agricultura orgânica que durante a produção não usa fertilizantes químicos de síntese, procurando assegurar a sustentabilidade através, por exemplo, do cuidado com o descanso do solo e com a irrigação, através da água de poços artesianos, cultivo de plantas e árvores, entre outros cuidados com o meio ambiente. Além disso, ela segue as leis trabalhistas vigentes, pois os funcionários trabalham com carteira assinada, possuem horário de almoço e recebem cursos de qualificação. Eles demonstram estar satisfeitos com o trabalho que exercem e se identificam com a organização. A chácara preocupa-se com a aquisição de selos de certificação e em manter a qualidade exigida para a aquisição do selo. Ela não vende produtos sem ter autorização para isso.

Na visita, feita observou-se que algumas mudas de flores de morango e mudas de árvores não estão ainda disponíveis no site, assim como se percebeu que há, também, a necessidade de se aumentar a produção e de se incluir tais itens na venda pelo site; para isso ocorrer, é necessária a aquisição do selo dos novos produtos. Outra expansão a ser feita envolve o transporte dessas mercadorias. À medida que a produção aumenta, o transporte das mercadorias deixará de ser municipal para, pelo menos, ser regional e contemplar outros municípios.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea representa um conjunto de mediações e relações fundamentadas no trabalho. O capitalismo necessita da produção de mercadorias como meio de produção da mais valia. Nele, o acesso aos recursos naturais passa por relações mercantis, sendo que a apropriação pelo capital implica a eliminação de sua gratuidade natural. A incorporação da natureza e do próprio homem ao circuito produtivo é a base para que o capital expanda. O trabalho é um processo de produção/reprodução de mercadorias. Ele torna-se mediador universal na relação do homem com a natureza. Nessa relação, o homem regula o controle da natureza por meio da ação, com intercâmbio de materiais. Além disso, o homem relaciona-se com a natureza para transformá-la em produto.

Na acumulação de capital, o trabalhador transforma sua força de trabalho em mercadoria, em troca do recebimento pelo trabalho realizado. O capital separa homem da natureza, impondo-lhe o ritmo do capital e não mais da natureza. Ele é movido a partir da exploração do trabalho do homem. O processo social de produção usa a força de trabalho e os meios de produção na utilização dos recursos naturais; o desperdício de matérias-primas, de energia e de trabalho provoca destruição da natureza e crise ecológica. A perda da identidade orgânica do homem com a natureza dá-se a partir do capital e isso contribui para a degradação ambiental. No combate a esse fator negativo, são criados modelos sustentáveis, como os mencionados ao longo deste trabalho.

A tecnologia está a serviço do capital e voltada à produção da mais valia. Quanto maior a quantidade de recursos naturais explorados e de matéria-prima transformada, maior a capacidade de extração de sobretrabalho. A crise ecológica é inserida para se repensar como se estrutura e funciona a sociedade contemporânea: modo como é gerida a natureza, modo de produção de consumo, meios de produção, modo de vida, técnicas aplicadas, tecnologia utilizada e ciência a seu serviço, e nisso se insere a importância de artigos como este.

A agroecologia tem como foco a produção de alimentos de elevada qualidade biológica e quantidades adequadas à coletividade. A agricultura convencional é responsável por danos ambientais e crescentes diferenças socioeconômicas no meio rural. Assim, surge a necessidade de novos estilos de agricultura e de desenvolvimento rural que ensejem a sustentabilidade ecológica e a equidade social. Atualmente, têm surgido correntes de desenvolvimento rural sustentável, principalmente aquelas alinhadas com a perspectiva



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

ecossocial. O processo de transformação da agricultura tem estimulado uma transição agroambiental materializada por novos estilos de agricultura ecológica ou orgânica e de novos enfoques de desenvolvimento local ou regional que consideram os distintos agroecossistemas.

O desenvolvimento sustentável busca a produção de novas tecnologias para tornar a produção mais eficiente do ponto de vista econômico e ambiental. Isso se alinha à agroecologia sustentável, na medida em que esta busca: (a) a eficiência das práticas convencionais, visando reduzir o uso de insumos caros escassos e prejudiciais ao meio ambiente; (b) a substituição de insumos e de práticas antigas intensivas em capital degradadores e contaminantes do meio ambiente por práticas alternativas benignas; (c) redesenho dos ecossistemas para seu funcionamento baseado em novos conjuntos de processos ecológicos.

Assim, torna-se necessária a existência de artigos como este para explicitação das condições atuais da agroecologia sustentável, bem como para o desenvolvimento histórico da relação homem natureza, a fim de incentivar o surgimento de tais modelos nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BERRY, Thomas. **O Sonho da terra**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOCAIÚVA ORGÂNICOS. **Chácara Bocaiúva**. Disponível em: <<http://www.Bocaiúvaorganicos.com.br/sobre>> Acesso em: 29 set. 2016.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007.

ECONOMIA SOLIDÁRIA DE BRASÍLIA. **O que é uma economia solidária**. Disponível em: <<http://www.ecosolbasebrasil.com.br/index.php/economia-solidaria/videos>> Acesso em: 26 set. 2016.

GLIESSEMAN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LUSTOSA, M.C.J. **Economia e meio ambiente: revendo desafios**, 2016. Disponível em: <www.niead.ufrj.br>. Acesso em: 25 mar. 2016.

NAVES, J.G.P.; BERNARDES, M.B.J. **A relação histórica homem/natureza e sua importância no enfrentamento da questão ambiental**. Santa Catarina: Geosul, v.29, n.57, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/2177-5230.../27882>>. Acesso em: 29 set. 2016.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

OLIVEIRA, A.M.S.O. **Relação homem natureza no modo de produção capitalista.**

Presidente Prudente: FTC/Unesp, 2011. Disponível em:

<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/793/816>>. Acesso em: 29 set. 2016.